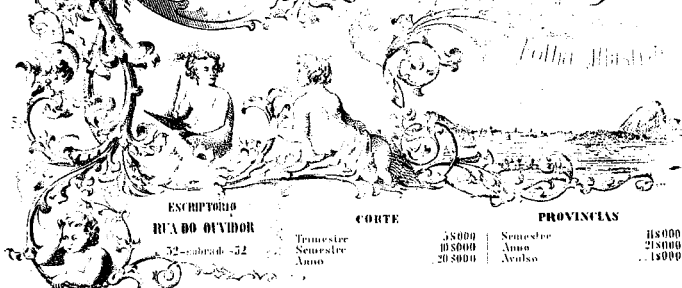


VIDA FLUMINENSE



ESCRITÓRIO
RUA DO OUVIDOR

32 - alameda - 32

CORTE

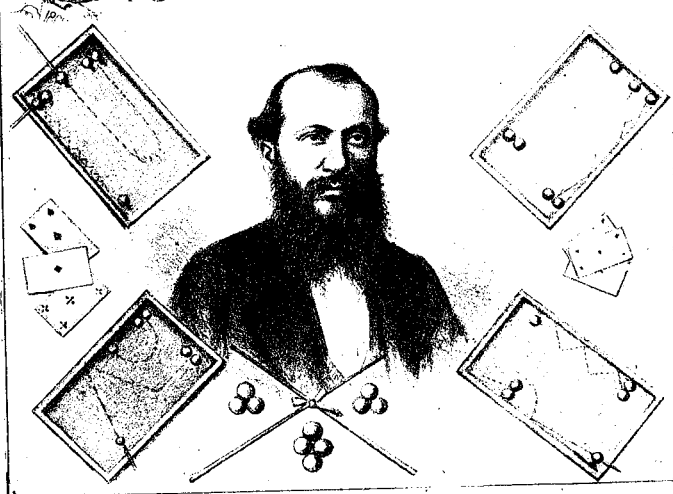
Trimestre
Semestre
Anno

PROVINCAS

35000
105000
205000

Semestre
Anno
Acabou

18500
215000
15000



Rodolpho
e as suas carambolas magicas!
Quadro o forado dos nossos assinantes que jogarem o bilhar.
(Para explicação de jogar, ver esta revista do Clube Lyrico.)

A VIDA FLUMINENSE

Zeros e Rolicondas

(COUSAS DA SEMANA.)

Rio, 9 de Setembro de 1871

0— A questão do dia e da noite é ainda— (até quando será?) o projecto do gabinete de 7 de Março sobre o elemento servil.

... Fallou no senado a favor da liberdade dos escravos o herde da liberdade popular e o velho inimigo das usanças constitucionaes:—o Sr. Torres Homem (Timandro).

0— Por haizo da cabaleira do senador governista appareceu a lingua bipartida do *Timandro*. *Campus ubi epera fuit*.

... A idea do Sr. Salles no seu discurso foi toda baseada sobre a libertação immediata do ventre. Bom disfarce, Sim senhor, optimo disfarce. No conto de Boccacio,—a nuca de *mestre Judo*, ha um facto identico.

0— O ministrio vence decidalemente a questão. Embora griteem as trompas da minoria, não resta a menor duvida a respeito da victoria governamental.

... Os velhos senadores estão entrando no debate como os pagãos nas casas catholicas. Levam a fallar de suas crencas e de seus deuses sem negarem a curvatura cora a Biblia que rege o sacrificio e aos santos, que são os penates do templo.

0— Assim corre o barco perfeitamente. Vejam o Sr. Conselheiro Zaarias; alma romana e lingua «afiada nos sete gumes» como a do orador romano:— *fons sapientia*. O que fez o incansavel polemista? o grande genio da analyse e da replica infatigavel? Descarregou o obuz contra o projecto do governo, e....

... E votou pelo projecto do governo.

0— Em politica militante não sei como se chama esse maneio. Em diplomacia Talleyrand chamar-lhe-hia um *desvio*.

... Dizem os jornaes pela pequena boca que a revolução está roncando lugubramente nos alicerces de nossa sociedade. Falla-se em motins dos negros e no terror dos fezequieiros, etc.

0— O que é certo é que cada vez são surrados com mais garbo os pobres diabos na casa de detenção, e os annuncios do «negros fugidos» multiplicação são como os peixes do Evangelho.

... As camaras serão prorogadas de novo, dizem por ahi. Duvida-se, duvida-se! Os cofres publicos não attendem a verbas das *prorogações* parlamentares.

0— Os deputados estão a partir em chusma como as andorinhas quando chega o tempo frio. Ficam tino ou seis para fazer numero?

... *Uma andorinha só não faz verão*.

0— Os theatros tambem se prorogam. S. Luiz, perdendo Emilia Adelaide, flex sem *quorum* definitivamente.

... O Sr. Germano procura em todos os becos e li-vreiros um drama de titulo grande.

0— Por exemplo: leve á scena este:—*John Mauricio, a alma atormentada pelo crime, pelo infortunio, pelos credores, ou a revolução dos espiritos em 1848, epoca em que se agitou no seio dos principaes renados o cataclismo da dissolução social.*
Melodramma em 8 actos, 13 quadros, 2 prologos e epilogos ad libitum.

... É impossivel que esse drama—melo (melodramma, melodramma) não tenha a mais espontanea ovacão publica e concorrência monstruosa.

0— Vai abrir-se o Gymnasio Dramatico. Os *diabos negros* são os seus anjos protectores na estrêa. Ismenia n'essa peça de Sardon incendeia um scenario magnifico, e o coronel Garvalho por causa das duvidas estará presente com bombas e capacetes auxiliares.

... A traducção do vehemente e paradoxal drama de Y. Sarrailh e da penina de J. R. Pires do Almeida. N'estas reticencias não se guardão segredos, nem se mascara a novidade.

0— A *Phénix da raça*, pochada imitada por Eduard do Garrido, das *Folies Dramatiques*, chama concorrência a *Phonix*, e tem inquestionavelmente *eulenburgs* e truculentos chistuosos.

Vasques imita Russi com muita finura, e Eugénia Camara é a photographia animada da Palladini.

... Entre os deputados que assistirão no Aléazar ás ultimas representações da *Belle Helena* notavam-se os Srs. Coelho Rodrigues (por *Phaúx*) Anisio (não sei por onde) e Benjamin (idem).

0— Sr. Benjamin principalmente, applaudo com o maior desaharago, a parlamentar a partida para a Creta, onde as pernas de M^{me} Irma-Marie cantam como as tibias d'um rouxinol.

... Estrêa no Lyrico Fluminense um Sr. Rodolpho (personagem de Eugénio Sue) que joga bilhar sem tato e maneja o taco sem bilhas.

Pratica ligeirizas de mão sem aparelho (podêra!) começa as suas escommoções na pessoa do publico, animal implume e crente, que correrá atrás do grande annuncio do magico.

0— Dizem-me que o Sr. Rodolpho é perfeito em certas cousas. Porque não?

... Joaquim Augusto entrou para o S. Luiz.

0— O S. Luiz contractou Joaquim Augusto.

... E' director do S. Luiz o Sr. Furtado Coelho. Qual será a palavra d'este enigma theatral? *Dicant emprezari*....

0— Ismenia está com um pé no Gymnasio e o outro no S. Luiz. Deliciosa posição d'aquelle que estiver entre esses dois theatros!

... Ismenia é uma actriz intelligente e bonita. E brnital

0— Augusto de Castro fez uma parodia com o titulo de 50:000,000. Elle contentar-se-hia com a metade e não faria a parodia. São gostos....

... Consta que o Sr. Fariado Coelho tem posto fóra do cofre mais de vinte contos, montando a *Pera* de Garrido e de *Salama*.

0— Houde offerecer-lhe as minhas suissas como maior abatimento.

.... Folla-se em que o ministerio vai pôr mãos á obra do theatro nacional.

0 — Haive grande movimento na pórtio, durante a semana. (Vide *folhas divinas*).

.... Os fazendeiros encaminharão aos artieiros dos Estados Unidos cinco mil revólvers, oito metralhadoras, e quarenta mil espingardas de agulha.

Estas é que são as verdadeiras medidas de prevenção.

Gulliver.

Assumpo de varias côres

Após o esplendido successo das *Vesperas Sicilianas*, opera em que todo o pessoal da companhia ital aua procurou, á pórtia, dar a mais satisfactoria conta do encareço que sobre si tomara, apresentou-nos a associação emprezaria do theatro D. Pedro II. uma exhibição do *D. Paschoa*, em beneficio do *lazzo-buffo* Pedro Ferranti.

Dizer o que este vale como artista á um publico que tanto o idolatrou outrora, e lembrar aqui os triumphos espontaneos de que foi alvo no primeiro periodo da sua carreira artistica entre nós, seria coisa por demais inutil. Ferranti é, talvez, o cantor italiano mais conhecido do nosso publico e aqui lle, cuja reputação unica desceram nas differentes vezes que tem visitado o Rio de Janeiro.

Sob as vestes de *D. Paschoa*, apresentou-se elle, na terça-feira passada, exercitando com indiscrípvel veia comica uma parte erigida de dilliculdades, e cantando com methodo e arte: uma opera onde os trechos de *nota e parola* se repetem por mais de uma vez.

Habitmente secundado pela Sra. Paul, que — em attenção aos poucos ensaios da opera e ás exigencias de um repertorio cuja responsabilidade lhe tem cabido inteira n'estes ultimos tempos — cantou minisamente alguns trechos, e interpretou com verdade as diversas phases porque passa o caracter d'aquella viuva esperta, activa e apaixonada, e p' do Sr. Ballarini, que no adagio do duetto da primeira acta soube fazer-se applaudir, Ferranti deixa ainda entre nós reminiscencias agradaveis como artista, e sympathias sinceras como homem.

Se todas as *reprises* tivessem o exito que accompanha actualmente a do *Barbe-Bleue*, pega de que o Sr. Armand lançou mão para levar por dia seto algarismos ao *haver* de sua *caixa*, tornar-se-hia inutil a exhibição de espectaculos novos.

Ha quatro noões que a opera de Offenbach se repete, attitudino sempre concurrença a muito superior á lotação da sala e provocando um entusiasmo que dura ainda alguns minutos após a desceda do pano.

Ha razões á favor para que tal succeda, bem o sei.

A musica é deliciosa, a *miseria* acce encenada, o vestuario deslumbrante de bourgeois e burguesas, o poema repassado de espirito sarcástico, e mesmo a interpretação concede a maioria honras que a minoria lhe r.ensa.

Por exemplo:

Entrando em confronto e dizem alguns que Irma-Marie, no *gato* e no dialogo, fica um pouco aquiem da famigerada *Atina*, de outrora.

(Em relação á parte cantante creio que não poderão dizer outro tanto.)

Outras lambem-se satisfadamente de Lovato, Marchand, e Hubain. (D'accordo com o que tuá á primeira, mas parece-m'as que Rosier e Buland mitigam bem as saudades deixadas pelos outros dois.)

Ha ainda quem se lembre de M^{me} Bourgeois e lastime ver confiado á M^{lle} Suzanne um papel da importancia da *caixa* (Argentina).

(Sobretudo este ponto desejava que me explicassem a razão porque nunca houve uma *rosa* para M^{me} Bourgeois, e hoje as ha aos milhares para a esposa de Barbe-Bleue).

Enfim a minoria não está completamente satisfeita com a *reprise*, mas como a maioria quem encie o theatro e applaude e valer os artistas, não é preciso se r propheta para prognosticar ao Barbe-Bleue carreira igual á dos tempos,.... que já lá vão.

Rodolphi, um homenzinho de brica que promette fazer com *carimbolas* seguidas em quanto o diabo esfrega um olho, dá esta noite o seu primeiro espectáculo, no theatro Lyrico.

No programma, que tem a á vista, folla-se de coisas maravilhosas, justificadas até certo ponto pela opinião da imprensa americana, prodiga de elogios ao celebre professor de billar.

Além de uma parte dedicada exclusivamente á este jogo, ha outras duas nas quaes o Sr. Rodolphi, á imitação de Hermann, promette deixar de boca aberta e queiro cabido os que mais fines se julgarem em questões de prestidigitación.

De boca aberta e queiro cabido ficam todos quantos assistem ás fuerges do Circo Choral.

Que homens!... que mulheres!... e que cavallos!... santo Deus! Os primeiros fazem prodigios de gymnastica e equitação; as segundas levam de vencida as amazonas mais famadas dos tempos antigos, e os terceiros... oh!... esses... mettem n'um clinello *muita intelligencia* que por ali anda de commenda ao petto e mãos no ar.

Bastará dizer que um delles dança a *palmota* com a graça e requiebro de uma dançarina oriental para se fazer idea de quanto são capazes os outros.

O que não soffre duvida é que os trabalhos da companhia do Circo italiano, composta de não p' quem numero de homens, mulheres, e brutos, deram por tal sorte ao gódo dos amadores que a concorrência, longe de affrouxar, como infelizmente succede entre nós apenas passe a novidade, tem assumido proporções gigantescas especialmente nos sabados e domingos.

As sociedades carnavalescas não limitam as suas aspirações somente aos folguedos do carnaval.

Efectivamente, dispondo algumas d'ellas de sa



*Castigai essa Candieira, e não deis ouvidos aos que se oppõem
a tão justa medida. O povo pede-a, a religião reclama-a,
a civilisação ordena-a.*

Album da "Vida Fluminense".



lões vastos o elemento, preciso a realisação de bailes e concertos, porque não se juntaria qualquer d'esses divertimentos a outras que só podem ter lugar uma vez por anno?

Por tal sorte foi isto comprehendido pelas *Fénelas* que, desde a sua instalação, tem as respectivas directo-rias d'este Club levado a effeito algumas festas nocturnas, dignas de louvor e menção.

Ainda, a 2 do corrente e perante uma reunião completa de damas e cavalheiros, se effectuou nas salas d'aquella sociedade um concerto, cujo programma foi executado com *brío* e proficiência, seguindo-se uma baile, prolongado até docturas pela muita animação que n'elle reinou.

De todos os trabalhos de Eduardo Garrido, exhibidos até hoje perante o nosso publico, é inquestionavelmente *A Phenix da Rua* aquella que mais direito lhe dá a requerer um lugar distinctissimo entre os escriptores facetas da nossa epoca.

Não julgue o leitor que, apesar do modesto rapaz dizer que extrahia a sua comedia do outro do repertorio francez, se tracte alli de uma imitação vulgar, sem merito, e de local, ou bugiganga apropriada: não.

O trabalho de Eduardo Garrido é antes de uma originalidade perfeita. Das *Folies Dramatiques* aproveitou-se apenas a idea principal, imprimindo-lhe forma nova e adicionando-lhe grande porção de enlombos espirituosos e scenas extravagantes, que provocam o riso, se mesmo as deixarem privadas do gesto ou inflexão que o actor lhes junta na scena.

Eis em relação á peça.

Tratando da interpretação e da *mise-en-scène* é fóra do duvidar que na primeira ha as desigualdades inherentes a quasi todas as nossas companhias dramaticas, — onde, ao lado de alguns artistas bons, se payonêam, innumerables mediocridades — distinguindo-se a segunda pelo esmero que o Sr. Jacintho Heller emprega na promptificação dos espectáculos do seu theatro.

Os festejos de 7 de Setembro foram um pouco contrariados pelo mau tempo. Apesar disso, o Rocio e a rua do Ouvidor apresentavam vistosas illuminações, e o estabelecimento dos Srs.^{as} Jauvyrot & C.^a ostentava-se brilhante luz electrica, (systema de Sorren) que do uma a outra extremidade illuminava a *girona* toda a rua da Quitanda.

Embora um pouco dispendiosas é fóra do duvidar que nas festas nocturnas e no recinto d's theatros, a luz electrica produz um effeito deslumbrante, quando o apparelho é manejado por um homem habil e dextro como o Sr. André Gonçalves d' Oliveira, operador especial do estabelecimento dos Srs.^{as} Jauvyrot & C.^a.

A DE A

As margaridas.

(Continuado do n. 192).

Um dia, regressando a casa após o ensaio. Lazarina

soubes pela sua criada que certa dama a procurava.

« E' uma senhora de *Lyon*, onde outrora estive-
mos, — acorremos a criada — e traz-lhe nos braços
das pessoas que a menina alli conheceu. Além d'isso,
tem um sercão a pedir-lhe. Enfim, como ella ha de
voltar amanhã, pela volta do meu dia... »

« Não disse como se chamava?... perguntou Lazarina.

« De certo, e eu já dei-lhe o seu cartão de visita.

Eito-o. Madame Renneville.

« Renneville? Não me recordo de semelhante nome.

Enfim, quando ella vier, mande-a logo entrar.

No dia seguinte, á hora marcada, Madame Renneville apresentou-se. Lazarina nunca a vira; não deixou porém de notar que para visita tão matinal escolheu a visitante um *tailleur* por demais rico e luxuoso.

« Em que posso ser-lhe agra-avel, minha senhora?... disse Lazarina a Madame de Renneville, offerecendo-lhe uma cadeira.

Apenas sentada, replicou-lhe a visitante: Ah! menina: deixe-me respirar um pouco, eu lho peço! Os annos não passam debalde, e este quarto andar é de uma altura!... ah! felizmente isto vai melhor: o cansaço vai desaparecendo e já começo a poder fallar. Meu Deus! como e possível morar-lhe perto das chaminés, disposto e othos como os seus, menina?

Lazarina olhou para Madame Renneville sem poder occultar o rubor que lhe assomava ás faces.

« Chega de *Lyon* minha senhora?

« Não, directamente... Ah! que bellas tem-branças alli deixou a menina. Todos os seus antigos adornos fallão ainda hoje do seu bello talento. O que lhez parece impossivel é não terem já visto o seu nome no cartaz da comedia franceza.

Lazarina começava a comprehender, talvez, o motivo da visita de Madame de Renneville, porém conservava-se silenciosa e esperava pelo resultado.

A visitante a quem pouco agradava tal silencio, calou-se.

« E' tudo o que a senhora tem a dizer-me? disse Lazarina.

« Francamente, não... Mas como dou com pessoa dotada de espirito sufficiente para comprehender certas cousas, dir-lhe-hei menina, que represento aqui o papel de intermediaria. Eis o caso:

Certo cavalheiro de minha amizade rico e ficou namorado de tantas perfeições. A menina é o seu unico pensamento. A pessoa de que se trata já não come, nem bebe, tal é o seu estado. Portanto, vendo que não ha remédio possivel para paizres d'aquella ordem, decidi-me, por mera amizade, a vir contar-lhe tudo isto, menina.

« E' então por mera amizade que a senhora... se presta... ia dizendo Lazarina.

« Por certo, por amizade e porque se trata tambem de um cavalheiro como não ha por ahi muitos... rico... titular... Acabemos com isto. Elle está disposto a aceitar como lei todos os desejos da menina.

Basta que, em retribuição obtenha a felicidade de possuí-la para sempre.

Madama Renneville continuou o seu discurso com certa eloquência, fácil de comprehender-se.

Lazarina sentia lagrimas de raiva no seu coração oprimido, e, apenas a *interme-lia* cessou de fallar, a pobre moça levantou-se sem pronunciar uma palavra.

(*Continúa.*)

Philomela.

(*Continuação.*)

A senhora, que havia entrado no aposento de Martha, sem duvida comprehendendo tudo isto, pois approximou-se rapidamente da moça e tocou-lhe de leve no hombro.

O que tens, minha filha? Sofres muito, não é assim? disse ella com voz meiga e repassada do maternal amor.

A moça ergueo os olhos nublados de lagrimas para a pessoa que lhe fallava, mirou-a por um instante e attonitamente sem parecer reconhece-la, mas subito levantou-se apressada da cadeira em que estava assentada, lançou os braços em volta do pescoço de sua visitante, e, encostando no hombro d'ella o rosto, murmurou soluçando:

— Minha tia!

Conservou-se assim por alguns minutos, durante os quaes sua tia esforçou-se por acalmar a agitação que a atormentava.

Depois que a viu mais tranquilla:

— Para que procuras amoligar-te tanto, quando acabas de receber ha pouco tempo um golpe violento!

— Oh! não faz mal! Consolo-me bem com saber a historia de meus pais.

— Pois bem: mas, ao menos, nada mais leias hoje.

A moça volveo os olhos para a carta, que ainda estava por ser lida.

— Não, minha tia, deixai-me concluir tudo hoje. De que me servirá transferir para amanhã a leitura d'esta ultima carta? Será para minhar um supplicio de doze horas mais, que posso evitar.

— Martha, não leias; instou novamente a senhora do luto.

— Deixai-me ler, minha tia. Quera saber o que é feito de meu pae!

— Ten pae?

Estas palavras foram proferidas por tal modo, que a moça estremeceu, e levantou os olhos para sua tia.

Com o rosto pallido esta fazia violentos esforços para encobrir a emoção que sentia, e que não escapou á moça.

— Sabois o que é feito d'ello? perguntou Martha com ansiedade. Dizei-m'o; nada receeis!—e dizendo estas palavras ella havia tomado a carta, que estava sobre a secretária, e a foi abrindo.

Uma outra carta volumosa, e envoltiva em segundo involucre, estava encerrada embeta na primeira sobre-carta; mas acompanhava-a uma folha de papel fino, escrito com letra minúe e delgada.

A moça desdobrou-o; percorreu-o com os olhos rapidamente, e, depois, tapando o rosto com ambas as mãos, deixou-se cahir sobre a cadeira, e prorompeo de novo em soluços, murmurando;

— Meu Deus! que mal vos fiz eu?...

Havia tanta expressão de verdadeira dôr n'essa elaboração, que a tia de Martha tomou entre as mãos a linda cabeça da moça, beijou-a repetidas vezes na fronte e unio-a ao seio.

— Pobre anjo! exclamou ella commovida; E duas lagrimas que lhe fugirão dos olhos foram cahir sobre o cabello negro e formoso da sobrinha.

Eis o conteúdo da pequena carta que Martha acabava de ler.

Minha Senhora.

New-Orleans, Março de 1849.

Na qualidade da guarda-livros da casa commercial de Burtin Filho & Lara, da qual éo socio o Sr. Estevão de Lara, escrevo-lhe, por ordem do Sr. Henry Burtin Filho, para participar-lhe, por assim o haver ordenado o Sr. Estevão antes de seu fallecimento, que por morte d'este senhor, que acaba de fallecer, deverá a senhora, como pessoa a quem se acha confiada uma filha do dito Sr. Estevão, encatregar alicum de receber a parte que ao mesmo senhor cabia, como socio da casa que se trata de liquidar.

O senhor Henry Burtin não escreve pessoalmente, como lhe cumpria fazer, em virtude da incomum moral de que se viu affectado pela morte de uma pessoa a quem tributava sincera e dedicada affeição, e a quem no leito da morte seu pai o recommendára, como ao mais dedicado e honesto dos homens.

Inclua remetto uma carta, que das mãos do Sr. Estevão recebi para fazer chegar ás mãos da senhora.

Aguardamos resposta, e aqui ficamos como seu

Grato prestadio

Eduardo Alvares.

Dimio Junior.

(*Continúa.*)

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua da Ajuda n. 16.

